

Oito Dias Soterrado Numa Avalancha

Condensado de
"Le Samedi" de Montreal

Robert Littell

SE OS CANHOTOS dos bilhetes do teatro Gato Preto de Estocolmo fossem brancos, cinzentos, verdes ou de qualquer outra cor menos visível que o vermelho, um bravo jovem sueco de 25 anos de idade, chamado Evert Stenmark, talvez não estivesse vivo para nos contar sobre os oito dias que passou sob a avalanche que poderia ter sido o seu túmulo.

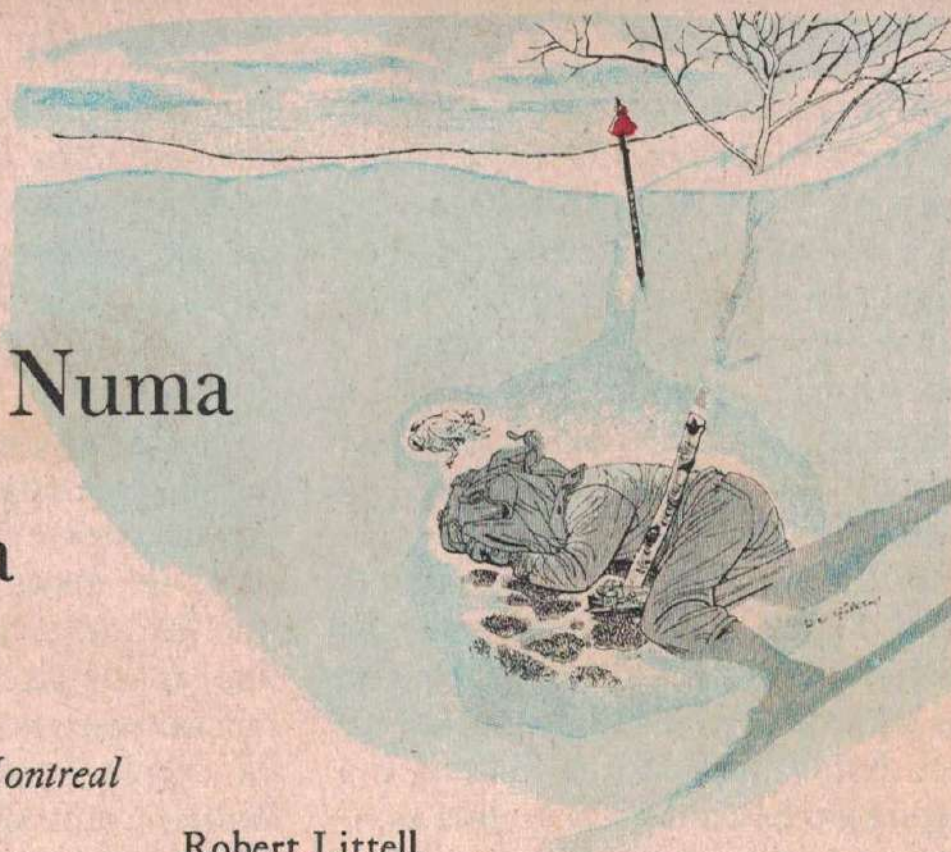
Magro, de ossatura delicada e rosto de traços bem marcados, Evert Stenmark não parece o protagonista de uma história desse gênero. Mas é preciso ser resistente para administrar uma propriedade na montanha, perto do Círculo Ártico.

Além de Evert, havia seu irmão mais moço, Kjell, sua irmã Elna e sua mãe viúva. No inverno, Evert costumava contribuir para as precárias finanças da família, caçando e vendendo ptármigas, um pássaro al-

vo, semelhante à perdiz, que se alimenta dos vidoeiros anões das encostas solitárias.

Numa sexta-feira de manhã, em janeiro de 1955, Evert saiu de casa e percorreu de esqui 30 quilômetros para passar 15 dias numa cabana que costumava ocupar durante suas caçadas. No dia seguinte, sábado, logo que clareou, saiu para trabalhar. Era um dia frio, sem nuvens. Nas primeiras sete armadilhas que preparara na semana anterior, encontrou quatro ptármigas.

De repente, quando ia pondo o último pássaro morto na mochila, sentiu neve até à altura dos joelhos e com ela foi deslizando suavemente, morro abaixo. Ao cabo de alguns metros, a avalanche o envolveu, cobrindo-o com um pêso de escuridão. Depois, foi só silêncio. Enquanto esteve ali, o calor de seu corpo derreteria a neve em seu redor e algum ar



deve ter passado até aonde êle estava.

Procurou mover-se. Impossível. Com o queixo conseguiu escavar a neve de maneira a poder virar ligeiramente a cabeça. Logo que o oxigênio se esgotou, começou a ofegar. O fim parecia próximo. Êle se pôs a imaginar, com um estranho desprendimento, como seria a morte. Depois desmaiou.

Quando voltou a si, seis ou sete horas depois, sua primeira sensação foi um choque de alegria. Deu graças a Deus por ter-lhe permitido viver. Estava deitado de bruços e a respiração havia derretido uma cavidade na neve, diante da sua bôca. As pernas, muito abertas, estavam encravadas em neve compacta e o esqui do lado direito se enfiara de modo esquisito sob a perna esquerda. O braço direito estava também prêso na neve e apontava para cima, como se quisesse indicar o céu.

Debater-se e tentar libertar-se só servia para deixá-lo sem fôlego. Acima de tudo, pensava êle, era preciso não se deixar dominar pelo pânico; precisava conservar, como um aventureiro, suas fôrças limitadas. Planejando os mínimos movimentos, parando muitas vêzes para descansar e planejar de novo, lentamente, como uma toupeira debaixo da terra, êle foi abrindo, com a mão esquerda, um túnel em direção à mão direita. Conseguiu remover uma espécie de braçadeira de gelo e libertou a mão direita.

Pôde então ir abrindo outro túnel por baixo do estômago, soltar a faca

que tinha prêsa ao cinto para raspar a neve em cima. Finalmente—êle mal podia acreditar—brilhou na escuridão de sua furna uma vaga luzinha azulada. Talvez então a superfície não estivesse muito longe do seu alcance!

Podia ser pior, disse Evert consigo mesmo: êle estava vestido com roupas quentes e pusera entre os dois pares de meias e as botas de cano, que lhe chegavam quase até ao joelho, as longas fibras sêcas de uma raiz do pântano, que os lapões usam há séculos para proteger os pés. Aquêles "feno de sapato" conservara quentes até ali os pés de Evert, mas isolava-lhe as pernas, dos joelhos para baixo, impedindo que o seu calor derretesse a neve em que estavam prêsas.

Tinha no bôlso de trás a carteira, que naturalmente nada significava para êle no momento. E na carteira havia os canhotos dos bilhetes de todos os filmes emocionantes que vira nos seus poucos anos de vida. E entre êles, os do teatro Gato Preto, em Estocolmo.

Quando caiu a longa noite do Norte, a luzinha azulada da caverna tornou a perder-se na escuridão. Evert cobriu a cabeça com o capuz da jaqueta de esqui e deitou o rosto nas mãos enluvadas.

Naquela primeira noite dormiu agitado. Quando acordou, o calor do seu corpo havia derretido mais neve e êle estava numa caverna molhada, com cêrca de 1,25 m de comprimento por 75 cm de largura. Prêsa ao teto

de neve, em cima, estava a mochila de Evert. Pouco a pouco êle conseguiu soltá-la, tirou de dentro as ptármigas mortas e colocou-as numa espécie de despensa que abrira na parede de neve. Tudo isso levou mais de uma hora, mas valeu a pena, pois, logo que conseguiu enfiar a cabeça e os ombros no escuro aconchegado da sacola, parou de tremer.

Ficou ali cochilando, e de vez em quando comia um pouco de neve, sabendo que a água do gelo não lhe faria mal se êle a conservasse na bôca para aquecê-la antes de engolir.

Naquela tarde, Evert se pôs a trabalhar em volta das pernas imobilizadas e dormentes. Tentou remover a neve cortando-a com a faca, porém mal conseguia alcançar a altura dos joelhos. Após quatro horas de esforço conseguiu mexer as coxas ligeiramente, mas os pés continuavam tão sòlidamente presos como antes pela neve e pelas correias dos esquis. Enfiou de novo a cabeça na mochila para pensar.

O socorro mais próximo, pensou, estava a 20 quilômetros de distância, na cabana de troncos de madeira em que combinara encontrar-se com dois amigos naquela mesma noite, domingo. Vendo que êle não aparecia, êles estranhariam. No dia seguinte talvez subissem de esquí até à cabana e encontrassem lá o seu machado e a espingarda. Talvez vissem os rastos dos esquis terminando numa avalanche. Talvez o chamassem e talvez Evert os ouvisse e fôsse ouvido por sua vez. Talvez, talvez . . .

Então pela primeira vez Evert teve fome. Cortou uma perna de ptármiga congelada e comeu-a crua. A carne sabia exatamente como parecia—pardo-escura com manchas de sangue. Mas Evert limpou o osso.

Na segunda noite dormiu muito melhor, com a cabeça dentro da mochila. Mas teve um sonho horrendo. Andava pelas colinas nevadas, com alguns amigos, à procura dum caçador perdido. Só Evert sabia onde estava o caçador e apontou para o lugar, mas os outros não quiseram dar-lhe ouvidos. A angústia estava aí, porque o homem que procuravam era êle mesmo.

Na segunda-feira de manhã verificou que a caverna estava novamente um pouco maior. Seu corpo havia derretido a neve e seu braço direito estendeu-se apalpando musgo e gravetos. Depois duma primeira refeição de ptármiga crua, mais uma vez atacou a neve comprimida em volta das pernas. Mas com a faca êle não conseguia chegar além do alto das botas. Pela primeira vez lhe ocorreu que jamais conseguiria sair dali por si.

O mêdo pairava em volta dêle como um pássaro negro, sem pousar. Lembrou-se de um primo de seu pai, que também ficara soterrado numa avalanche durante uma caçada que fazia sòzinho. Dois meses depois, encontraram o corpo, num estado tão lamentável de magreza que evidentemente também êle vivera e lutara, penosamente, esperando e rezando como Evert, durante muito, muito tempo.

Evert desistiu da tentativa de libertar as pernas e voltou a atenção para o teto de neve. Havia um pontinho preto que êle não tinha ainda notado. Parecia um raminho. Puxou-o e conseguiu desembaraçar da neve a ponta quebrada dum pequeno vidoeiro. Aparou-o com a faca e fêz uma vara de meio metro de comprimento e da grossura de um dedo.

Uma vara? Não. Uma descoberta rara e preciosa, um tesouro, uma palmeira no deserto, um ponto de apoio para a alma angustiada.

Com aquela vara êle foi cuidadosamente aprofundando os buracos que havia começado com as mãos, acima da cabeça. Com muito cuidado, com muita delicadeza, porque se aquela vara, aquela espada quebrasse . . .

De repente, a vara perfurou a crôsta de neve e saiu para o ar livre, que entrou na caverna às golfadas, frio e cortante. E através do orifício, com o coração a galope, esporeado pela alegria, Evert viu uma pequena rodela maravilhosa de céu azul e uns galhos de vidoeiro que balançavam ao vento. Sabia agora que só havia pouco mais de um metro entre êle e a sua própria vida.

Puxou para dentro o pauzinho, a vara de condão, o mastro da esperança . . . Sim, um mastro. Evert tirou da carteira o pequeno pacote de bilhetes de teatro. Os vermelhos . . .

Com o arame de uma de suas armadilhas, amarrou à vara os bilhetes rubros do Gato Preto e enfiou-os pelo orifício da côr do céu.

Assim, quando êles viessem—se viessem—não poderiam deixar de ver onde êle estava.

O esforço o cansara e êle tiritava. Para distrair-se, foi tirando e arrumando as poucas coisas que possuía: o cachecol, embaixo de um dos joelhos em brasa; as ataduras dos curativos de emergência embaixo do outro; o jornal sob o estômago, as luvas molhadas debaixo das cadeiras, as luvas sêcas na sacola. Numa prateleira cavada na neve colocou o alicate, a cêra dos esquis, a agulha de cerzir, a linha, a faca de mesa, os tocos de vela, uma caixa de fósforos.

Depois enfiou outra vez a cabeça no calor e no escuro da mochila e adormeceu.

A terça-feira foi um dia quase monótono. Evert tirou a casca de uns galhos e comeu-a. Viu os próprios joelhos, pela primeira vez em quatro dias. Seu corpo afundara ainda mais na neve que se derretia, e a vara, o mastro com o pedido de socorro em papel vermelho, estava fora de seu alcance. Se caísse, êle não poderia mais empurrá-lo para a superfície.

Sem mais que fazer, começou a ruminação insípida das preocupações. Preocupação com o estábulo por acabar. Êle convencera sua mãe e seu irmão Kjell a que o deixassem requerer um auxílio do govêrno. A madeira fôra cortada, os tijolos comprados, os alicerces colocados. Tinha que estar tudo pronto no verão, pois do contrário o auxílio não seria pago. Mas ali estava êle, Evert, imobilizado, inútil, debaixo da neve . . .

No dia seguinte—o quinto de sua prisão—Evert procurou acender uns fósforos que enfiara no ouvido, com a cabeça para dentro, a fim de conservá-los secos. Mas, uma a uma, as cabeças dos apregoados fósforos de segurança da Suécia foram caindo na neve derretida.

Depois, examinou todos os papéis que tinha na carteira, lendo-os vagarosamente. Entre êles havia contas de restaurante, que só serviam para dar-lhe fome. Passou muito tempo pensando no seu prato predileto—macarrão com *bacon*. O relógio de pulso se tornara um amigo. Guardado no aconchego da mochila, o seu tique-taque lembrava as batidas do coração de uma coisa viva.

Antes do amanhecer, na quinta-feira, ao acordar êle viu pelo orifício do teto a chama fria de duas estrêlas firmes, que não piscavam. Isso significava bom tempo. Com certeza viria gente naquela manhã para achá-lo.

Mas naquele dia o tempo se desarticulou; as fronteiras entre noite e dia se desfizeram. Evert tem lembrança de haver tentado comer cêra de esquí, porque a ptármiga que sobrava começava a ter mau cheiro. Lembra-se de ter os dedos tão enrijecidos que precisou dar corda ao relógio com os dentes. Lembra-se de ter ouvido alguém chamar por êle e de ter respondido três vêzes. Quando não chegou ninguém, êle comeu um pouco de neve e mastigou galhos de vidoeiro para acalmar o pânico que aumentava e que êle sabia representar o fim.

Durante tôda a sexta-feira e todo o sábado êle oscilou de um estado de torpor para o de pesadelo acordado, e outra vez para o de inconsciência. Levou horas para a simples decisão de tirar a cabeça e as mãos da mochila e outras tantas horas para executá-la. Nada mais parecia ter importância.

Só NA sexta-feira, quando Evert já estava soterrado havia quase uma semana, foi que seus dois amigos subiram de esquí até à cabana e encontraram a espingarda, o machado e o trenó encostados à parede. Neve recente havia apagado a trilha aberta pelos esquís ao se afastarem da cabana. Os amigos viram os restos confusos de uma avalanche, mas não parecia bastante grande para cobrir um homem, de modo que êles nem subiram até ao local. Depois de chamarem diversas vêzes por Evert, voltaram para dar parte às autoridades.

Daí a pouco havia patrulhas por tôda a área. A polícia pediu o auxílio de um helicóptero. Durante todo o dia de sábado os grupos passaram se dividindo para dar buscas e depois se reunindo outra vez, desesperançados. Domingo de manhã, Kjell, o irmão de Evert, conduziu uma nova expedição até à cabana. Seguiu a fila das armadilhas. Na sétima sentou-se para fumar um cigarro e esperar pelos outros. A pouca distância, viu uma coisa avermelhada saindo da neve. Devia ser apenas uma fôlha murcha, pensou êle, mas levantou-se para ir olhar mais de perto.

Presos à vara, por um arame, lá estavam os bilhetes do Gato Prêto.

O resto foi um frenesi de mãos e pás cavando, cobertores, sopa quente, retirada de botas e regozijo, misturado à tristeza de uma interrogação cada vez mais longa: seria possível salvar os pés de Evert?

Seguiram-se meses de hospital, de paciência, anestésias e enxertos de pele, deitado numa cama, com a perna esquerda colada à coxa direita. Evert teve muito tempo para pensar no significado da coisa terrível, mas também maravilhosa, que lhe acontecera. Serviu para fazê-lo encarar a vida como um grande e magnífico dom, cujas horas devem ser tô-

das vividas, cujos momentos são todos importantes.

Evert Stenmark já pode andar, com orgulho, mas com certa lentidão. Quando desce uma escada, pisa primeiro com os calcanhares, porque os cirurgiões precisaram amputar-lhe todos os dedos de um pé e o outro inteiramente, com exceção do calcanhar. Já pode trabalhar no sítio, onde há agora um estábulo recém-pintado.

Mas não pode ir muito longe, nem levantar pesos, nem andar de esqui. E por muito tempo, ou talvez para sempre, estará impossibilitado de ir caçar as ptármigas de pernas emplumadas, nos silêncios cristalinos do inverno.



O PATRÃO de meu marido, chegando a uma estação de águas muito elegante, reparou num carregador que trazia as malas de um senhor idoso e bem vestido, e colocava-as no seu luxuosíssimo Cadillac. Naturalmente, querendo dar uma gorjeta ao carregador, o senhor perguntou-lhe se tinha trôco para um dolar, ao que o homem retrucou:

—Por estas bandas um dolar já é trôco miúdo, meu senhor. —E. H.



Definições Definitivas

Adolescente: Meninote ou meninota que age como um bebê quando não é tratado como adulto. —S. F. Brandt, em *The Saturday Evening Post*

Neurótico: Pessoa que descobriu o segredo da emoção perpétua. —Dan Bennett

Pena capital: O impôsto de renda. —Jeff Hayes, Consolidated News Features

Jardim: Algo que os homens preferem revolver mentalmente. —D. S. Halacy, Jr., em *The Saturday Evening Post*

Solteirão: A única espécie de caça para a qual se tira a licença depois da caçada. —Thomas Lyness

Evitar filhos: Fugir ao assunto. —“Torquemada”, citado por Stephen Potter, em *Sense of Humour* (Henry Holt, ed.)